

Gutman Uchôa de Mendonça

Escreve às terças-feiras neste espaço

Site: www.uchoademendonca.jor.br

/// Custa crer que tenhamos assistido no decurso da história de um Estado que tem tudo para crescer a um espetáculo tão deprimente de selvageria

Segunda-feira de cão

É estranho. Um grupo, talvez não superior a 50 pessoas, com mulheres e crianças, surgiu na segunda-feira, dia 6, postado em frente ao Quartel da Polícia Militar do Estado, em Maruípe, impedindo a entrada e saída das pessoas, especialmente de quem tentava sair.

Uma força militar considerável, respeitável e responsável, com uma longa história de serviços prestados à sociedade que lhe paga o salário, estava sendo obstaculada de exercer seu trabalho de segurança patrimonial diário, compelido por um esforço de reivindicação salarial realizada não por eles próprios (militares), mas por seus familiares.

O que nos chama mais atenção é a “força” que duas dúzias de supostos familiares têm para barrar um sistema policial tradicional, respeitável, em seu quartel. Que história mal contada é essa? Como seria o tratamento dispensado pela nossa “briosa” força policial se seus obstaculadores do direito sagrado de ir e vir fossem estranhos à sua corporação? Teriam o mesmo sucesso?

Não vamos discutir direitos de reivindicações salariais. Tem muita gente ganhando muito e tem muita gente ganhando pouco. Tem gente ganhando muito e que não deveria nunca ter entrado para a folha de assalariados do serviço público. O que vamos fazer?

Por culpa daquelas pessoas que impediram a saída dos militares dos quartéis – não só no de Maruípe, mas também de vários municípios do Estado –, mais de 100 pessoas já foram assassinadas no Espírito Santo.

O Estado teve, em 6 de fevereiro de 2017, “um dia de cão”, talvez um dos piores de sua existência, porque um grupo de familiares impediu a polícia de cumprir sua missão de proteger a sociedade. Por isso, foi preciso a convocação da Força Nacional pelo governador em exercício, César Colnago, para debelar o surto de violência que se estabeleceu, com centenas de lojas pilhadas à luz do dia, mais de 100 mortos

e um enorme prejuízo para o mais importante segmento do Estado, o comércio de bens, serviço e turismo, que teve perdas milionárias pela fúria dos saqueadores estimulados pela ausência da vigilância policial.

Custa crer que tenhamos assistido no decurso da história de um Estado que tem tudo para crescer a um espetáculo tão deprimente de selvageria.

